

# ATIVIDADES PEDAGÓGICAS DE FORTALECIMENTO DA APRENDIZAGEM



## ADA – 1º BIMESTRE – CICLO I LÍNGUA PORTUGUESA – 1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO – 2018

*Professora/professor, as atividades deste material foram elaboradas levando em consideração os itens que obtiveram menor índice de acerto no 1º ciclo da ADA. Em relação à 1ª Série do Ensino Médio, os estudantes apresentaram maior dificuldade em relação aos itens que avaliaram os descritores 15 e 4. Surpreendentemente, o item 8 (que avaliou o D15), cujo nível de dificuldade acreditávamos ser Básico, foi o que teve o menor índice de acerto: 23,7%. Apesar de os resultados nos levarem a entender que os estudantes estão em um nível básico de proficiência leitora, sugerimos que você corrija a avaliação em sala de aula para verificar, de forma mais pontual, o que levou os estudantes a escolherem a alternativa que não era o gabarito.*

*Todavia, vale comentar que, para que os estudantes avancem no desenvolvimento das habilidades de leitura, um trabalho envolvendo diferentes estratégias deve ser considerado. Sugerimos, também, que momentos diversificados de leitura devem ser propostos a fim de que ler não seja meramente uma rotina pedagógica, mas um momento de prazer. Assim, a leitura deve ser, também, um acontecimento.*

*D15-Estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios etc. Expectativa de aprendizagem*

- *Refletir sobre os elementos articuladores (preposições, conjunções, advérbios...) nos romances. (Currículo Referência do Estado de Goiás, Língua Portuguesa, 9º Ano do Ensino Fundamental– Eixo: Prática de análise da língua).*

*D4-Inferir uma informação implícita em um texto.*

*Expectativa de aprendizagem*

- *Ler poemas de cordel, sonetos, cantigas, notícias e crônicas, utilizando as estratégias de leitura como mecanismos de interpretação de textos:*
  - *Formulação de hipóteses (antecipação e inferência);*
  - *Verificação de hipóteses (seleção e checagem) (Currículo Referência do Estado de Goiás, Língua Portuguesa, 1ª Série do Ensino Médio, Eixo: Prática de leitura).*

**Leia o trecho a seguir, para responder as questões propostas.**

### O velho e os urubus

Bariane Ortêncio

<sup>1</sup>De primeiro nem sabia quantos, mas depois foi reparando, se interessando, pegou na opinião. Agora, eram doze, os urubus. E passou a contá-los todos os dias. E não se retirava enquanto eles não chegassem. Passatempo, distração de velho solitário.

<sup>2</sup>Preparando o cigarro, beiradeando o curral, o balde na mão para a ordenha. O dia rompendo, nascente incandescendo, para onde se largavam os urubus, um a um, combinados, tais aviões deixando a base. À tarde vinham do poente de um, de dois e até de três. O Velho, assentado no banco do alpendrão, ficava olhando, divisando-os assim que surgissem as pintas negras no sol entrante. Ali sentado, trocando de posições no banco duro, procurando jeito, as hemorroidas ardendo, atentando, contava os seus urubus. Esperava até que chegasse o último, quando se retirava.

<sup>3</sup>Recolhia-se cedo, pouco depois do pouso das aves amigas, saciado com o prato de leite com farinha de milho. Só dormia assim: após a chegada dos urubus e do leite com farinha.

<sup>4</sup>O pouso, lá deles, uma árvore seca, ipê de grande porte, bem em frente à casa, do outro lado da cerca, fácil, muito fácil do Velho contar os urubus. Ele, que quase nada fazia, a perrengueice lhe tolhendo as vontades, a doença caminhando em ritmo acelerado, tinha na chegada dos urubus o seu único entretenimento. Era, além disso, a ordenha das poucas vacas, o caneco costumeiro de café forte e quente, o cigarro feito no capricho, alguns mais que fazeres e o leite indefectível com farinha. Dos outros mais serviços, a Afilhada se ocupava. Como se chamava ela? Ele sabia? Não, não se lembrava mais. Pegara-a meninota, a velha ainda vivia; chamavam-na a Afilhada, que nunca passou

de cria da casa. Ela também o chamava de Padrinho e jamais lhe soube o nome. Como se pertencesse à família, fazia um pouco de tudo e não recebia pagamentos, era pelo passado, algumas chitas e as chinelas baratas.

<sup>5</sup>No quarto, hora certa, deixava o fervido de ervas para o Padrinho banhar as varizes anais, o alívio, a garantia do sono sossegado. O Velho despertava antes dos urubus e saía para o relento de orvalho, reparando o horizonte, o clarear, os bichos preparando-se para levantar voo. Quando chovia à noite, eles ficavam esperando o sol sair e, como velhas rezando, asas abertas, enxugavam as penas. Não se fechavam para a nascente, como nos outros dias. Voavam em círculos sob o domínio dos olhos do Velho, galgando as alturas no bater das asas, procurando as camadas de ar favoráveis, e planavam por muito tempo, sem perder altura. Um ou outro punha-se em formato aerodinâmico, as asas com V, e mergulhava para o solo num zumbido estridente, descrevendo, depois curva ascendente. Era o espetáculo para o Velho amigo, que se embevecia.

<sup>6</sup>Afilhada entregava-lhe o caneco de café e levava o balde de leite para a cozinha. Ele sorvia em pequenos goles o café forte, seu agrado, o canivete no alisamento da palha e na picagem do fumo. Ocupava-se, depois, em coisinhas, até que chegasse a hora do retorno.

<sup>7</sup>O sol baixo, entra não entra, começavam a surgir as pintas pretas. E ele as acompanhava, uma por uma, o volume aumentando até tornar-se realidade, o bicho vindo alto, temperando com o oscilar de asas, descendo reto no galho pouso. Depois juntava as asas, como se uma dama de negro fechasse o seu leque. O Velho, mentalmente, contava. Eram seis. Agora sete. Oito. Nove. Dez... Não havia errado? Não, não errara. Lá vinha vindo o onze... o doze mais atrás. Aí ele se recolhia satisfeito como se tivesse cumprido importante missão. Quando voltavam mais cedo para o pouso, o voo baixo e direto, o Velho sabia que logo choveria, como de fato... E, assim, por muito tempo, assim sempre, sempre assim.

<sup>8</sup>Andava disputando a vida com o ipê seco. Era roxo ou era amarelo? Não se lembrava. Malvados, arrancaram as cascas medicinais do seu ipê condenando-o. Nunca mais flores e, de há muito, nem folhas.

<sup>9</sup>Mas um dia, que sempre há um dia, o sol já havia entrado e a contagem só acusou onze urubus. O Velho saiu do seu banco e andou daqui pra lá, rodando, achando que errara no contar ou que o faltante poderia estar encoberto por um galho mais grosso. Mas não estava. Virou obsessão. Cada noite, ele beirando a cerca de arame, os ouvidos atentos para o farfalhar de asas, que não vinha. Buscara a lamparina, que mal clareava, mas que o ajudou a constatar o faltante. O que acontecera com o seu urubu? Acasalara-se? Estaria nalguma fresta da pedra, preparando o ninho para os ovos? Quase não dormia naquelas noites e o pouco era entrecortado de soninhos, madornas, sonhos mal sonhados de sono mal dormido. Onde andaria o seu urubu?

<sup>10</sup>Precisava ir à pedra, que não era tão longe, mas impossível para ele, que se andasse muito, o sangue lhe ocorreria até as alpergatas. “Maldita hemorrêima!” – clamava.

<sup>11</sup>Mandou a Afilhada chamar aquele moço que sempre pegava alguma empreitada. Disse a ele, pedindo-lhe encarecidamente, que vasculhasse a pedra, o que foi feito em vão.

<sup>12</sup>Passavam-se os dias e nada do urubu aparecer. Ele também já pouco se levantava do catre, aperreado, nervoso, cismado, encabulado, o mais para conferir os amigos negros que não passavam de onze. Onde estaria seu décimo segundo apóstolo?

<sup>13</sup>E falava com eles, perguntando pelo desaparecido. Alguns grasnavam, decerto respondendo que não sabiam.

<sup>14</sup>O Velho já não se alimentava mais. O leite com farinha agora sendo pouco, quase nada, ele aceitava. Passava com o café e os inúmeros cigarros feitos, na maior parte, pela Afilhada.

<sup>15</sup>– Um remédio? O Padrinho quer um remédio?

<sup>16</sup>Ele negava com a cabeça. Não queria nada, não! Queria era o seu urubu!

<sup>17</sup>– Ele voltou? – perguntou o Padrinho.

<sup>18</sup>– Não. Não sei... – o que ela sabia contar não passava dos dedos de uma das mãos.

<sup>19</sup>Agora nada mais. Não se alimentava nem mais com café e o cigarro. A Afilhada não tinha iniciativa, sempre fora mandada. Não alcançava as consequências. Não chamou ninguém.

<sup>20</sup>Era alta madrugada, ainda, o Velho notou um clarão de aurora e levantou-se, afoito. Estava disposto e leve. Saiu para fora. Divisou, com alegria, todos os doze urubus no velho ipê seco, saltando no gingado desengonçado deles, de um galho a outro, na comemoração de volta do companheiro. E este era todo raio de luz, refulgente, resplendor. Um urubu-pavão, virou, será? – pensou o velho, pelas tais e tantas cores. Aí o resplandecente bateu asas, volteou a árvore, fez círculos curtos em torno do Velho, toda pompa, a cumprimentá-lo, as asas coloridas emanando luz, farfalhou em voo rasante pela cabeça do amigo, a convidá-lo. Ele, não sabe como, aceitou e partiu voando também, seguindo o seu urubu procurando as camadas favoráveis de ar, planando na gostosura!... Muito admirado, feliz, avistava lá de cima as divisas da fazendola, o gadinho sendo, formado com os outros, que se juntaram, a esquadrilha da amizade, do reencontro, até que o sol se anunciou, o discão vermelho no horizonte, o bando se dirigindo para aquela direção, sumindo, sumindo, pintas pretas...

<sup>21</sup>Como já era tarde, o dia avançando, a Afilhada foi até o quarto levar o caneco de café, talvez o Padrinho aceitasse. Se admirou e ficou também feliz, pois nunca, desde quando chegara àquela casa, vira o padrinho sorrir. E

agora, o sorriso dele, tão bonito, o semblante no seu quieto de paz, os olhos abertos, bem abertos, talvez perscrutando horizontes, acompanhando o seu urubu brilhante.

ORTÊNCIO. B. *O velho e os urubus*. In: *Meu tio avô e o diabo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1993. Páginas: 11 a 13

1. Em textos de gêneros que fazem parte da tipologia narrativa é comum o uso de palavras e expressões que estabelecem relação de tempo, lugar, modo, causa etc. Essas palavras ou expressões ajudam a caracterizar e a marcar o tempo, o lugar ou modo das ações das personagens. Escreva qual a relação estabelecida pelo termo "mal" no trecho retirado do 9º parágrafo do conto *O velho e os urubus*. Justifique a sua resposta

a) "(...)Buscara a lamparina, que mal clareava, mas que o ajudou a constatar o faltante. O que acontecera com o seu urubu? Acasalara-se? Estaria nalguma fresta da pedreira, preparando o ninho para os ovos? Quase não dormia naquelas noites e o pouco era entrecortado de soninhos, madornas, sonhos mal sonhados de sono mal dormido. Onde andaria o seu urubu?"

*O termo "mal," nesse trecho, estabelece uma relação de modo. Basta que os estudantes façam as seguintes perguntas: de que modo a lamparina clareava?; de que modo/como os sonhos eram sonhados? Portanto, a ideia estabelecida por esse termo é de modo.*

*Professor(a), é importante explicar que "mal" nem sempre exerce a função de advérbio de modo. Ele também pode ser usado como substantivo (O mal que você me fez...) ou como conjunção temporal (Mal entrou no trabalho e já possui várias atividades para desenvolver). Nesse sentido, é necessário refletir sobre os sentidos e as funções que os termos podem adquirir, dependendo do contexto em que eles estão inseridos. Os conhecimentos acerca da relação estabelecida pelos advérbios de modo já deveriam estar consolidados pelos estudantes da 1ª série do Ensino Médio. É importante que você verifique por que a maioria não conseguiu acertar o item que avaliou esse conhecimento para possíveis intervenções.*

2. Reescreva o trecho a seguir, substituindo o termo "mal" por outro(s), de modo que não haja perda do sentido do enunciado. Faça as alterações que forem necessárias.

"(...)Buscara a lamparina, que mal clareava, mas que o ajudou a constatar o faltante.(...)"

*Sugestão de resposta: Buscara a lamparina, que não estava clareando bem, mas que o ajudou a constatar o faltante.*

3. Retire do texto pelo menos dois trechos com palavras ou expressões que estabelecem a mesma relação que "mal" estabelece no trecho analisado na questão anterior.

*"O Velho, mentalmente, contava. (7º parágrafo).*

*"(...) Disse a ele, pedindo-lhe encarecidamente, que vasculhassem a pedreira, o que foi feito em vão." (11º parágrafo).*

4. Apesar de não especificar em qual espaço a história se passa, é possível deduzir, pelas pistas dadas pelo autor, o tipo de lugar em que os personagens estão. Retome o texto.

a) A história se passa em uma área rural ou urbana?

*A história se passa em uma área rural.*

b) Retire do texto trechos que justifiquem sua resposta à questão anterior.

*"Preparando o cigarro, beiradeando o curral, o balde na mão para a ordenha." (2º parágrafo)*

*"Era, além disso, a ordenha das poucas vacas(...)". (4º parágrafo)*

*Professor(a), é possível deduzir que a história se passa em área rural pelo fato de o velho ter como atividade a ordenha das vacas. Perceba também que há um curral na propriedade dele. Ou seja, são fatores que nos levam a deduzir que as personagens estão em uma área rural e não urbana.*

5. No trecho " Pegara-a menina, a velha ainda vivia; chamavam-na a Afilhada, que nunca passou de cria da casa."(4º parágrafo), o que se pode concluir da relação da afilhada com o Velho? Era uma relação de pai e filha?

*Não. Ao dizer que nunca passou de cria da casa e por chamá-la de "Afilhada", conclui-se que o Velho não considerava a menina como filha. A menina cuidava dos afazeres da casa e do Velho porque recebia em troca moradia e alimento. No trecho "Como se pertencesse à família(...)", também no 4º parágrafo, é ainda mais evidente o fato de a menina nunca ter sido tratada como membro da família. "Como se pertencesse à família" não estabelece o mesmo sentido de "como fazia parte da família", por exemplo.*

6. Releia os dois últimos parágrafos do texto.

a) O que se infere sobre o que acontece com o Velho?

*Infere-se que o Velho morre.*

b) Que pistas são dadas pelo autor do texto para se chegar a essa conclusão?

*É preciso observar que o autor do texto evidencia que a saúde do Velho não estava boa. Ele já não comia, definhava, estava fraco. A Afilhada não se atentou para a gravidade e não chamou ninguém. No penúltimo parágrafo, disposto e leve, o Velho sai da casa e vê os doze urubus. Voa com eles. Poderia se deduzir por esses trechos que o Velho estava sonhando. No entanto, a Afilhada o encontra no quarto de olhos abertos, bem abertos, o semblante em paz. Por tal razão, conclui-se que o Velho faleceu.*